

O infinito negativo: Primeiro escrito de Hegel sobre o tempo *

Tradução: Alice Mara Serra **

I. Introdução

O manuscrito traduzido foi extraído do tomo VII da edição crítica das *Gesammelte Werke* de Georg W. F. Hegel, dirigida pelo professor Otto Pöggeler e publicada pela editora Felix Meiner (págs. 193-197). Os escritos publicados em 1971 no tomo VII: *Jenaer Systementwurf II: Logik, Metaphisik, Naturphilosophie*, editados por Rolf-Peter Horstmann e Johann Heinrich Trede, foram redigidos por Hegel no contexto de um curso ministrado na universidade de Iena durante o semestre de inverno de 1804/05. Estes escritos se inserem numa etapa intermediária do sistema de filosofia especulativa que Hegel esboça no período de Iena, tendo sido reelaborados em obras posteriores e especialmente na *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (Enciclopédia das Ciências Filosóficas)* de 1830.

O texto traduzido, assim como outros textos do período de Iena, desenvolve-se numa espécie de diálogo do pensamento do autor consigo mesmo, sem a finalidade de publicação. Embora se apresente em difícil gramática e aparente obscuridade, ele se particularizaria de outros escritos de Hegel sobre o tema – como sugere Alexandre Koyré – por sua beleza e profundidade¹.

Trata-se neste escrito da incipiente e mais detalhada das análises de Hegel sobre o tempo. Este conceito se insere na parte do sistema relativa à filosofia da natureza e tem sua apresentação associada à do conceito de espaço, enquanto que a unidade

*Título proposto por mim; a passagem traduzida sobre o tempo se insere na seção intitulada “Begriff der Bewegung” (Conceito de Movimento). Este texto foi primeiramente traduzido no contexto de minha dissertação de mestrado em Filosofia sobre os conceitos de tempo e espaço na filosofia de Hegel em Iena (UFMG, 2003). Sou muito grata ao professor-orientador Leonardo Alves Vieira, cujas revisões e correções de minhas primeiras traduções continuaram me incentivando no trabalho com textos de filosofia em alemão.

**Doutora em Filosofia pela Universidade de Freiburg (Alemanha); Bolsista PRODOC/CAPES da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Email: aliserr@gmail.com.

1A. KOYRÉ, “Hegel à Iena”. In: _____, *Études d’Histoire de la Pensée Philosophique*, Paris: Armand Colin, 1961, p. 147-189., p. 139 s. Otto Pöggeler, todavia, ressalta que o autor dos manuscritos de 1804/05 pareceria desconhecer o alemão e a gramática, atendo-se exclusivamente ao movimento do pensamento. (O. PÖGGELER, *Hegels Jenaer Systemkonzeption*, Philosophisches Jahrbuch 71 (1963/64) p. 300).

dialética de ambos conduz ao conceito de movimento. Neste escrito de 1804/05, o tempo é apresentado como o primeiro momento do conceito de movimento, sendo este, por sua vez, o primeiro momento do sistema do sol, seção inaugural da filosofia da natureza.

Hegel critica a compreensão do tempo como pura continuidade de pontos, como série infinita ou linha se estendendo do passado ao futuro, e ainda como *quanta continua*², apto a ser preenchido por um conteúdo exterior. Hegel inverte o modo habitual de pensar o tempo no sentido passado-presente-futuro. O presente, que, em sua imediatez, é o agora pontual ou o limite simples, mostra ter, na verdade, sua essência no futuro; ele é por meio do futuro que veio a preenchê-lo, pois o agora, enquanto limite simples, é vazio. Por sua vez, o agora tornado através do futuro realiza-se no passado. Diante da não-permanência do futuro-presente no agora, o passado aparece como o reino do ser, a verdade do tempo, ou, como Hegel o chama, o tempo real. A verdade do tempo, todavia, mostra residir não no repouso no passado ou na totalidade – nota característica do espaço – mas na contradição, negatividade e infinitude. Quando a dialética do tempo chega a esse resultado, à totalidade ou igualdade indiferenciada, o tempo passa ao espaço. A passagem de cada dimensão ou momento do tempo – presente, passado e futuro – um no outro é apresentada, na dialética do espaço, em analogia com as figuras geométricas do ponto, da linha e da superfície. O ponto do presente, que aparece como o primeiro momento do negativo ou limite simples, se estende e se desdobra na forma da linha e passa à forma da superfície; por sua vez, é desta igualdade indiferenciada que o negativo volta a emergir. A constituição do tempo culmina na constituição do espaço e vice-versa, resultando disso o conceito de movimento.

Um ano mais tarde, no texto de 1805/06, publicado em *Jenaer Systementwurf III: Jenaer Realphilosophie*, Hegel inicia pela análise do espaço a apresentação destes momentos (tempo e espaço) de constituição recíproca³. Posteriormente, como se vê na *Enzyklopädie* de 1830, Hegel passará a apresentá-los iniciando pelo espaço, na seção intitulada “Mecânica”, que é a primeira seção da filosofia da Natureza⁴.

2Cf. I. KANT, *I. Kritik der reinen Vernunft*, B211. Hamburg: Felix Meiner, 1990.

3G. W. F. HEGEL, *Jenaer Systementwürfe III: Jenaer Realphilosophie*. Hamburg: Felix Meiner, 1976, p. 5 s.

4G. W. F. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*. Hamburg: Felix Meiner, 1999, §§ 253-261, p. 243-253.

A apresentação do tempo neste escrito de 1804/05 é de especial interesse, tanto porque nele se sobressai o momento do negativo neste sistema de filosofia em formação, quanto pelas diversas transposições da dialética do tempo na Filosofia do Espírito, na Lógica e na *Fenomenologia do Espírito* de 1807⁵. Particularmente neste texto de 1804/05, o tempo emerge na natureza como princípio da singularidade, da alteridade, da negatividade, motivo pelo qual Koyré nele vê muito mais um indício de abertura para a historicidade do que a ideia de sistema fechado⁶. Já Hannah Arendt, referindo-se também a este texto, não deixa de apontar na dialética do tempo hegeliano a ausência da vontade como dimensão aberta para o futuro e a presença de uma memória totalizante do passado, ambos subsumidos no presente atemporal do *nunc stans*⁷. Neste texto está, todavia, enunciado um dos princípios fundamentais da dialética hegeliana, referente à primazia conferida à infinitude, conceito que, neste escrito de 1804/05, é determinante do tempo.

Cabe remarcar que esta tradução procede de uma extração do conceito de tempo em relação ao contexto da filosofia da natureza, parte do sistema em que Hegel o insere. Se, por um lado, no interior da filosofia da natureza de Hegel, primeiramente elaborada em 1804/05, este conceito é inseparável do conceito de espaço⁸. Esta tradução, que pretende divulgar em português este primeiro escrito de Hegel sobre o tempo, poderá assim ser útil a estudantes e interessados tanto no desenvolvimento da filosofia da natureza de Hegel quanto em suas concepções de tempo e história.

II. Tradução

“Tempo e espaço são a oposição entre o infinito e o igual a si mesmo, [são] na natureza como sua ideia ou esta mesma na determinidade da absoluta igualdade a si. A realidade do espaço e do tempo, ou sua reflexão em si mesma, como particularizada, é ela mesma a expressão da totalidade dos momentos; mas o [que é] assim separado neles

⁵Ver: A. M. SERRA, *Dialética do tempo e espaço na filosofia de Hegel (Iena: 1801-1807)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: IFMG/FAFICH, 2003.

⁶Cf. A. KOYRÉ, A. “Hegel à Iena”. In: ____, *Études d’Histoire de la Pensée Philosophique*, op. cit., p. 173

⁷H. ARENDT, “A solução de Hegel: a filosofia da história”. In: ____, *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*, Trad. H. Martins (vol. 2). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 216-224.

⁸Ver, em especial, W. BONSIEPEN, *Hegels Raum-Zeit-Lehre: Dargestellt anhand zweier Vorlesungs-Nachschriften*. Hegel Studien 20 (1985), p. 9-78.

[nestes momentos] permanece imediatamente na determinidade do simples; o diverso é assim posto, de modo que ele simplesmente não teria para si, de forma indiferente, uma determinidade essencial, através do que ele negasse a relação do mesmo ao seu oposto e fosse para si. Mas sua essência permanece sendo esta relação; eles se opõem um ao outro não como substâncias, mas sua determinidade é, como tal, imediatamente a geral, e não [a determinidade de] um oposto ao geral, ou seja, imediatamente, não um que suprassuma⁹ a si mesmo (*nicht als ein sich aufhebendes*), mas posto como um suprassumido, como um ideal.

A. O infinito, nessa simplicidade, é, como momento contra o igual a si mesmo, o negativo, e em seus momentos, enquanto ele apresenta em si mesmo a totalidade, é o excludente, ponto ou limite em geral; mas nesse seu negar, relaciona-se imediatamente ao outro e nega a si mesmo. O limite (*die Gränze*), ou o momento do *presente*, o *isto* absoluto do tempo, ou o agora, é absolutamente negativo e simples, exclui absolutamente toda multiplicidade de si, e é por isso absolutamente determinado; ele não é um todo se estendendo em si, ou quantum, que também teria em si um lado indeterminado, um diverso que nele se relacionaria um com o outro de forma indiferente ou externa, mas ele é relação absolutamente diferenciada do simples. Este simples, neste seu negar absoluto, é o ativo (*das thätige*), o infinito contra si mesmo como um igual a si; ele é, como negar, da mesma forma absolutamente relacionado a seu oposto, e sua atividade, seu negar simples é relação a seu oposto, e o agora é imediatamente o oposto de si mesmo, o negar-se. Enquanto este limite, em seu excluir ou em sua atividade, suprassume a si mesmo, então o não-ser do limite é antes o ativo contra ele, e o que o nega. Isso que o limite nele mesmo imediatamente não é, este não-ser oposto a ele, como o ativo, ou como o que é antes o sendo em si, excluindo seu oposto, é o *futuro*, ao qual o agora não pode resistir; pois ele [o futuro] é a essência do presente, que é, de fato, o não-ser de si mesmo. O presente assim se suprassumindo é ele mesmo este futuro, na medida em que o futuro é, antes, o que se torna nele [no

9C. Bouton traduz *aufheben* por *depasser*, segundo ele, para manter o sentido temporal da *Aufhebung*, do passado negado, mas ainda conservado no presente. (C. BOUTON, *Manuscrites d'Iéna sur le temps* op. cit., p. 7). Optou-se aqui pela tradução de *aufheben* por “suprassumir” (fr.: *sursumer*), mantendo a indicação de P.-J. Labarrière (*Structure et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*, Paris: Aubier-Montaigne, 1968. p. 84). O verbo “ultrapassar” (fr.: *depasser*) não preservaria o duplo e simultâneo sentido de *aufheben* como suprimir e conservar.

presente]; ou este futuro mesmo não é, de fato, futuro, ele é o que suprassume o presente, mas enquanto ele é isto, a saber, o simples que nega absolutamente, ele é antes o presente, que, no entanto, [segundo] sua essência, é também o não-ser de si mesmo, ou o futuro. Não há, então, de fato, nem presente nem futuro, mas somente esta relação de ambos um ao outro, um é contra o outro de igual modo negativamente, e a negação do presente nega igualmente a si mesma; a diferença de ambos reduz-se ao repouso do *passado* (*in die Ruhe der Vergangenheit*). O *agora* tem seu não-ser em si mesmo, e torna-se¹⁰ imediatamente um outro, mas este outro, o futuro, no qual o presente se torna, é imediatamente o outro de si mesmo, pois ele é agora presente; mas ele não é aquele primeiro agora, aquele conceito do presente, mas um agora tornado (*gewordenes Jetzt*) a partir do presente através do futuro, um agora no qual futuro e presente se suprassumiram de igual modo, um ser que é o não-ser de ambos, a atividade suprassumida e absolutamente em repouso de ambos um contra o outro. O presente é apenas o limite simples (*einfache Gränze*) que nega a si mesmo, o qual, na medida em que seus momentos negativos são mantidos separados um do outro, é uma relação (*Beziehung*) do seu excluir com aquilo que o exclui. Esta relação é [o] presente, como uma relação diferenciada, na qual se mantiveram ambos; mas eles também não se mantêm, eles reduzem-se a uma igualdade a si mesma, na qual ambos não são absolutamente abolidos; o passado é esse tempo retornado em si mesmo (*in sichselbstzurückgekehrte Zeit*); o outrora (*das ehemals*) é uma igualdade a si mesmo, mas, proveniente deste suprassumir, uma [igualdade] sintética realizada; ele é a dimensão da totalidade do tempo, a qual suprassumiu em si ambas as primeiras dimensões. O limite ou o agora é vazio, pois ele é absolutamente simples, ou o conceito do tempo; ele se preenche no futuro; o futuro é sua realidade; pois o agora é, em sua essência, relação absolutamente negativa; tendo sua essência ou interior em si mesmo, existindo como sua essência, ele é o ser dessa essência; essa essência sua é seu não-ser, ou o ser do futuro no agora; a realidade do agora, sendo nele mesmo o que o conceito do agora somente tem como interior. Esta realidade do agora ou o ser do futuro é igualmente o oposto imediato de si mesmo, ele é agora este oposto em si mesmo. E este suprassumir posto de ambos é o *outrora*, o [tempo] em si refletido, ou tempo real. Mas o outrora ele

10Mais uma vez à diferença de Bouton, o *sich werden* foi mantido como “tomar-se”; *s'engendrer* (engendrar-se) poderia indicar que o movimento partisse de apenas um dos momentos, quando, ao contrário, ele resulta de ambos.

mesmo não é para si, ele é do mesmo modo o agora tornando-se através do futuro o oposto de si mesmo, e, portanto, não é isolado destes; ele é em si mesmo somente este ciclo inteiro, o tempo real, que através do agora e do futuro torna-se outrora (*die durch Itzt und Zukunft Ehmals wird*); o tempo real, como outrora, oposto ao presente e futuro, é ele mesmo apenas momento da reflexão total, ele é como momento que se exprime no tempo retornado em si mesmo, como o igual a si mesmo, se relacionando a si mesmo, e, de fato, como a determinidade do relacionar-se a si mesmo, ou ele é seu primeiro momento, ele é antes o agora como o passado, o qual, da mesma forma que os outros momentos, suprassume a si mesmo, de modo que o infinito inteiro, enquanto se relacionando a si mesmo, enquanto tornou-se totalidade, é, em si, assim, imediatamente, o momento passivo ou primeiro.

O tempo, deste modo, como infinito, sendo em sua totalidade somente seu momento, ou sendo mais uma vez seu primeiro momento, seria de fato não como totalidade, ou ele existe assim não como o que [seria] o fundamento dessa infinitude; a qual somente é como infinitude simples em si; ou ainda [o tempo] não é somente o passar no oposto (*das Übergehen in das entgegengesetzte*) e deste, outra vez no primeiro [momento]; uma repetição do ir e vir, que é infinitamente muito, ou seja, não [é] o verdadeiro infinito; a repetição infinitamente frequente apresenta a unidade como igualdade do repetido, igualdade que não é neste repetido, mas fora dele. O repetido é, de modo indiferente, contra isto de que ele é repetição, e, para si, ele não é um repetido. A repetição da reflexão do tempo é, de fato, uma tal, na qual cada momento se origina de seu oposto, e, assim, adiante e retrocedente, é um membro nesta série absolutamente diferenciada; mas ele é somente membro, e que ele seja, como este membro determinado, imediatamente o oposto, ele é a absoluta unidade dos momentos opostos; mas o momento não é nele mesmo como este que ele foi anteriormente ou que será depois; esta reflexão é fora destes, e que ele se torne outra vez o que ele foi, é, de fato, uma unidade que somente é como um [ato de] repetir.

A totalidade do infinito é, porém, na verdade, não um retorno ao primeiro momento, mas o primeiro momento foi ele mesmo suprassumido como um dos momentos; a totalidade reincide somente no primeiro momento, como no oposto do qual ela provém imediatamente, mas este é, de fato, o primeiro [momento] suprassumido, e o suprassumir de si mesmo; e a totalidade, como oposto do momento

diferenciado, o é somente como a unidade de ambos, ou como o em si do segundo [momento], o que neste somente para nós é como segundo; mas o terceiro [momento] é esta expressão deste em si, e ele não é assim terceiro, mas a totalidade de ambos; e o tempo real é [o] passado somente face ao presente e ao futuro; mas este terceiro é a reflexão do tempo em si, ou ele é, de fato, presente; e o tempo real, enquanto o outrora é agora, tanto é em si tornado primeiro momento quanto ele supassumiu este agora que apenas assim se apresentava como momento retornado em si; e é assim o supassumir de seus momentos, e o supassumir disso que deles em sua reflexão somente se torna [na forma de] momentos. O supassumir desta reflexão formal faz dele a totalidade igual a si mesma, que se supassume como movimento em si, que somente é, de fato, no apresentar do todo, mas apenas como um [todo] dividido ou diferenciado.

O passado que, dessa forma, supassumiu sua relação ao agora e ao anterior (*Einst*), não é mais, com isso, ele mesmo outrora (*Ehmals*), esse tempo real é a inquietude paralisada (*die paralytirte Unruhe*) do conceito absoluto, [ele é] o tempo, que, em sua totalidade, tornou-se o absolutamente outro, que, da determinidade do infinito, cuja apresentação é o tempo, passou no oposto, a determinidade da igualdade a si mesma, e, assim, como a indiferença igual a si mesma, cujos momentos são opostos um ao outro na forma desta [indiferença], é *espaço*.”

III. Indicações bibliográficas

ARANTES, P. E. *Hegel: a ordem do tempo*. São Paulo: Polis, 1981.

Arendt, H. “A Solução de Hegel: a filosofia da História”. In: _____ *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. H. Martins (vol. 2). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 216-224.

BONSIEPEN, W. *Hegels Raum-Zeit-Lehre: Dargestellt anhand zweier Vorlesungs-Nachschriften*. *Hegel Studien* 20 (1985), p. 9-78.

BOUTON, C. *Temps et Esprit dans la Philosophie de Hegel: de Francfort à Iéna*. Paris: J. Vrin, 2000.

_____. *La conception hégélienne du temps à Iéna*. *Philosophie* 49 (1996), p. 19-49.

DÜSING, K. *Idealistische Substanzmetaphysik: Probleme der Systementwicklung bei Schelling und Hegel in Jena*. *Hegel Studien* 20 (1980), p. 25-44.

- GÉRARD, G. *Critique et dialectique: l'itinéraire de Hegel à Iena (1801-1805)*. Bruxelles: Faculté Universitaire Saint Louis, 1982.
- HARRIS, H. S. *Hegel's development: night thoughts (Iena 1801-1806)*. Oxford: Charendon Press, 1983.
- ILLETTERATI, L. *Natura e ragione: sullo sviluppo dell'idea di natura in Hegel*. Trento: Verifiche, 1995.
- KIMMERLE, H. Zur Entwicklung des Hegelschen Denkens in Jena. *Hegel Studien* 4 (1964).
- _____. Das Problem der Abgeschlossenheit des Denkens: Hegels 'System der Philosophie' in den Jahren 1800-1804. *Hegel Studien* 8 (1982).
- KOYRÉ, A. "Hegel à Iena". In: _____. *Études d'Histoire de la Pensée Philosophique*. Paris: Armand Colin, 1961, p. 147-189.
- LABARRIÈRE, P.-J. *Structure et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*. Paris: Aubier-Montaigne, 1968.
- _____. La sursomption du temps et le vrai sens de l'histoire conçue: comment gérer cet héritage hégélien? *Revue de Métaphysique et de Morale* 84, n. 1 (1979), p. 92-100.
- LACROIX, A. *Hegel: La Philosophie de la Nature*. Paris: PUF, 1994.
- PETRY, M. J. *Hegel's Philosophy of Nature*. London/ New York: George Allen and Unwin/ Humanities Press, 1970.
- PÖGGELER, O. *Hegel Jenaer Systemkonzeption*. *Philosophisches Jahrbuch* 71 (1963/64), p. 286-318.
- RAMETTA, G. *Il concetto del Tempo: Eternità e "Darstellung" speculativa nel pensiero di Hegel*. Milano: Franco Angeli, 1989.
- Serra, A. M. *Dialética do tempo e espaço na filosofia de Hegel (Iena: 1801-1807)*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2003 (dissertação de mestrado).
- ZICHE, P. Naturforschung in Jena zur Zeit Hegels: Materialien zum Hintergrund der spekulativen Naturphilosophie. *Hegel Studien* 32 (1997), p. 9-40.

Artigo recebido em janeiro de 2011

Artigo aceito para publicação em julho de 2011